

# O SIGNIFICADO DA AMIZADE EM COMUNIDADE E DE AMIGOS NA ÉTICA A NICÔMACO<sup>1</sup>

Maria dos Milagres da Cruz Lopes<sup>2</sup>

## Resumo

Este artigo faz uma reflexão sobre o significado da amizade defendida por Aristóteles, a partir da sua obra, *Ética a Nicômaco* nos seus respectivos livros, VIII e IX. Para tanto, trabalha-se a amizade (*Philia*) do contexto como problema filosófico à alteridade como comunidade entre amigos. Nesse sentido aborda-se as três características de amizade segundo a concepção aristotélica que passam pelo âmbito de relação seja: virtuosa, utilitária, agradável ou prazerosa. Demonstra-se com isso, que o objetivo do filósofo é mostrar que o verdadeiro sentido da amizade se efetiva na justiça e na política, cujo fim último é viver bem em sociedade, que visa um ideal comunitário entre amigos. Assim, é nessa experiência de amizade que se elucida o sentido de ser justo.

**Palavras chaves:** Amizade, comunidade, justiça, política.

## Abstract

This article is a reflection about the meaning of friendship defended by Aristotle from his work in the *Ethics to Nicômaco* in books Eight and Nine. Therefore friendship (*Philia*) is worked in its context as philosophical problem to alterity like a community between friends. In this sense, it deals with the three characteristics of friendship according to the Aristotelian conception that pass through the relation: virtuous, utilitarian, pleasant or enjoyable. This demonstrate that the aim of the philosopher is to prove that the true meaning of friendship becomes effective on justice and politics, whose ultimate goal is living well in society, seeking a community ideal among friends. Then, it is in this experience of friendship that we can see the meaning of being just.

**Keywords:** friendship, community, justice, politics.

## Introdução

O presente texto aborda algumas considerações sobre o significado da amizade em Aristóteles, na *Ética a Nicômaco*, conseqüentemente a sua relação com a política e a justiça na comunidade entre os amigos evidenciando a amizade como igualdade e o querer bem entre os amigos. Para a nossa fundamentação nos servimos dos livros VIII e IX da *Ética a Nicômaco*, na tentativa de elucidar a amizade e seus desdobramentos.

O que propomos analisar divide-se em três momentos. No primeiro enfoca-se de forma sucinta o modo como os gregos encaravam a amizade (*philia*), principalmente a partir de Platão e retomada por Aristóteles que coloca a amizade no centro de seu pensamento ético e político, sendo estruturalmente intrínseca à comunidade de amigos, à virtude e à felicidade.

---

<sup>1</sup> Artigo enviado em 24/10/2012.

<sup>2</sup> Mestre em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte - FAJE.

Em seguida mostra-se três características de amizade: virtuosa, utilitária, agradável ou prazerosa. Essas encarregam-se de tornar os amigos amáveis uns com os outros, tendo cada uma seu valor intrínseco. Por último uma brevíssima relação entre amizade, política e justiça. Já que, na compreensão aristotélica as três são capazes de proporcionar ao homem um tripé de relação consigo mesmo, com o outro (amigo) e com a comunidade à qual pertence.

## **1. A amizade: da contextualização à alteridade na comunidade entre amigos**

Para se compreender com mais acuidade o significado da amizade e sua alteridade entre amigos em Aristóteles remonta-se primeiramente ao termo *philia* que se encontra nos escritos da Grécia Arcaica, e que tem uma conotação semântica ampla, empregado para evidenciar um vínculo de união ou de relação entre as pessoas no que diz respeito ao sentimento de mútua simpatia.

A palavra *philia*, também ganha sua grande ressonância nos textos filosóficos da Grécia Clássica e aparece como “problema filosófico” no pensamento de Sócrates. Sendo retomada por Platão, que dá outra passo ao enfatizar “*Philia e Eros*” como duas realidades associáveis que aparecem na sua obra o *Banquete*, ao abordar o amor (*eros*) como também, a amizade (*Philia*). No seu diálogo aporético de *Lysis* (um de seus primeiros e mais importantes diálogos), faz uma reflexão filosófica sobre a amizade no que tange a constituição da experiência e de nossa compreensão sobre a natureza humana e sua dimensão ética. Com isso percebe-se que nas obras *O Banquete*, *Lísis* e *Fedro* transparece a concepção de amizade platônica que é, dentre as concepções existentes na Antigüidade a única que concebe a relação entre *eros* e *philia*.

Diante dessa reflexão, Platão evidencia que a verdadeira amizade só é autêntica entre os homens quando é capaz de levar ao Bem, para isto deixa claro que a amizade não é somente na dimensão horizontal, mas também na dimensão vertical, que através da amizade entre os homens atinge-se o transcendente. Desse modo a amizade platônica tem sentido somente em função de um “Primeiro Amigo”, ou seja, o Bem Primeiro e Absoluto, o Bem.

Com Aristóteles, dá-se um novo acento sobre a amizade que ocupa um lugar central em sua principal obra, *Ética a Nicômaco* especificamente nos livros VIII e IX, sendo a sua definição a mais precisa no pensamento grego sobre a amizade, partindo da raiz *Phil* que remete ao sentido próprio pertencente e *philein* na sua definição remete à nossa postura de dedicação diante do que nos pertence, ou seja dos entes queridos. Com isso, na definição aristotélica pode ser traduzida por desejar, lutar, eleger, amar, que subentende a dimensão do amar e do amor<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> RICKEN, Friedo. *O Bem Viver em Comunidade*, a vida boa segundo Platão e Aristóteles. São Paulo: Loyola, 2008 p.105.

Sendo assim, o conceito de amizade para Aristóteles não pode ser entendido fora da dimensão comunitária, mas dentro do contexto de comunidade, por ser um sentimento de afeição, que resulta de uma identificação entre os indivíduos unidos por esse laço.

Em toda forma de comunidade encontramos a amizade. Esta pode existir entre homem e mulher, pais e filhos, irmãos e primos. Ela existe entre companheiros de viagem e combatentes na guerra, e finalmente também entre os cidadãos de uma polis e governantes e governados; as diversas boas constituições da polis são formas de philia<sup>4</sup>.

Na concepção aristotélica a amizade só é possível dentro da comunidade pelo fato de requerer uma dimensão de convívio social numa relação de reciprocidade. Por isso, importante na vida da cidade como valor de uma virtude política. Diante disso, é vista também como benéfica, e designada como uma convivência íntima, agradável, capaz de fazer da vida humana uma vida bela, digna, portanto, de ser vivida. Pois o homem é um animal político cuja natureza o destina a viver e conviver com os outros.

Se é da natureza o homem ser destinado a viver em comunidade, com os outros, não é possível imaginá-lo vivendo sem amigos, pois nas horas difíceis ele encontra nesses amigos um apoio, uma referência para sua dor, e, quando se sente feliz, necessariamente precisa deles para partilhar sua alegria e felicidade. Deste modo, para “viver bem” e alcançar o ideal ético de uma vida “bela e boa”, o homem não pode deixar de lado a amizade, pois mesmo os que se consideram felizes e possuem bens, necessitam de amigos para ajudar, orientar, o que, sozinhos, não poderiam realizar por si mesmos sem o apoio do outro. Como assevera Aristóteles: “[...] a amizade, visto que ela é uma virtude ou implica virtude, sendo, além disso, sumamente necessária à vida. Porque sem amigos ninguém escolheria viver, ainda que possuísse todos os outros bens”<sup>5</sup>.

Desse modo, Aristóteles coloca a amizade no centro de seu pensamento ético e político, estruturalmente intrínseca à alteridade, à virtude e à felicidade. No seu entender, a amizade não é apenas um sentimento de piedade ou uma relação sentimental, mas uma virtude que suscita três realidades: a benevolência, a reciprocidade e o bem querer muito bem expresso no livro VIII, da *Ética a Nicômaco*.

[...] aos amigos, porém, diz-se que devemos desejar-lhes o bem no interesse deles próprios. Mas aos que desejam dessa forma só atribuímos benevolência, se o desejo não é recíproco; a benevolência, quando recíproca, torna-se amizade [...] muita gente deseja bem a pessoas

---

<sup>4</sup> RICKEN, Friedo. *O Bem Viver em Comunidade*, a vida boa segundo Platão e Aristóteles, p.104-105.

<sup>5</sup> ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. In: Os pensadores, IV Aristóteles, SP, Abril Cultural, 1973. L 1 1155ª 1-5. Doravante, faremos todas as citações desta obra pela sigla (EN) seguida da numeração dos livros( VIII e L.IX), do parágrafo e das linhas.

que nunca viu, e as julga boas e úteis; e uma delas poderia retribuir-lhe esse sentimento. Tais pessoas parecem desejar bem às outras; mas como chamá-las de amigos se ignoram os seus mútuos sentimentos? A fim de serem amigas, pois devem conhecer uma a outra como desejando-se bem reciprocamente”<sup>6</sup>.

Um dos pontos fundamentais dessa discussão é, sem dúvida, a questão da natureza da amizade nessa relação de reciprocidade que é por excelência uma virtude extremamente necessária à vida. E, por abarcar essa dimensão, conseqüentemente está implícita a excelência moral, ou seja, a prática da justiça nos seus atos. Pois a verdadeira amizade é expressão de uma atitude moral, intelectual e de amor recíproco entre amigos que visa o bem para o outro amigo. Com isto, o amigo se revela como um homem justo. Como bem assevera Aristóteles: “quando os homens são amigos não necessitam de justiça, ao passo que os justos necessitam também da amizade; e considera-se que a mais genuína forma da justiça é uma espécie de amizade”<sup>7</sup>. Daí compreende-se que a amizade é um elemento indispensável do homem no convívio social para o exercício da reciprocidade, do bem querer e da justiça.

A amizade, tanto quanto o justo, se perfazem em comunidade, se realizam e se praticam com o outro; a noção de alteridade é precipuamente formativa da essência do significado de amizade, e o mesmo ocorre com o justo. Ao se mencionar amizade, pressupõe-se o outro; ao se mencionar justiça, pressupõe-se também o outro<sup>8</sup>.

Percebe-se que é na experiência de amizade que se elucida o sentido de ser justo, numa relação estreita entre amizade e justiça. O eixo em torno do qual gira o pensamento aristotélico sobre a amizade e justiça, é que ela é necessária ao homem inserido na comunidade e se centra como uma virtude que tem o seu papel fundamental na convivência com os outros na vida da cidade e na política. E, como fim último, a busca da felicidade.

Então, para Aristóteles, a virtude é uma disposição interior, um costume, um hábito e na prática dela o homem se torna capaz de agir de modo excelente e de construir um estilo próprio de vida: desse modo, o homem virtuoso passa a possuir as virtudes do belo e do bem que, juntas, constituem o essencial do ideal ético na cultura helênica. Não obstante, ele coloca também a amizade como uma virtude a ser alcançada e vivida entre os semelhantes: com isto, ele a coloca como centro do seu pensamento ético e político para ser vivida em comunidade.

Por ser a amizade uma virtude interior inserida no pensamento ético e político passa-se a entender que ela faz parte da filosofia prática ou do agir moral, assunto precípua do tratado da *Ética*

---

<sup>6</sup> EN VIII. 2, 1155b 31-2,1156<sup>a</sup> 1-5.

<sup>7</sup> EN VIII. 1, 1155<sup>a</sup> 27-28.

<sup>8</sup> BITTAR, Eduardo C.B. *A justiça em Aristóteles*. 3<sup>o</sup>. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.p.171

a Nicômaco. De maneira mais geral, também da área do conhecimento das ciências práticas cujo fim é a busca do saber com a finalidade que visa a conduta moral do indivíduo enquanto sujeito moral e membro da comunidade política, ou seja, da *polis*.

Esta conduta ética é atualizada no homem que age de acordo com as virtudes, e, de maneira equilibrada através da mediania (*mésón*) em busca do Bem Supremo (a felicidade), pautada na finalidade (*télos*) da natureza humana, orientada pela sabedoria prática (*phrónesis*).

Como vimos, essa dimensão ética, caracteriza a doutrina aristotélica da amizade, que fundamenta filosoficamente a dimensão da alteridade, isto é, de reciprocidade exercida pelo homem que só consegue efetuar uma avaliação adequada de suas ações e realizações, quando se encontra com a mediação de um outro, isto é, na medida em que se abre para a alteridade. Sendo pois a amizade o lugar da alteridade que se dá na medida em que o Eu se desdobra na pessoa do amigo, sob a modalidade de um outro Eu que se desdobra em reciprocidade.

Aristóteles descobre na alteridade a essência da amizade, dando nova significação ética, na medida em que dela faz uma verdadeira e íntima “convivência”, Segundo essa vida em comum, os amigos convivem procurando o bem uns dos outros, e amam-se uns aos outros como se estimam a si mesmos. E nessa convivência que eles estão empenhados em um aperfeiçoamento mútuo que jamais termina de ser realizado.

Trata-se, como já foi dito, de um viver junto que não é simplesmente um estar junto, ou estar um ao lado do outro, mas de um estar junto, ou de um viver junto, isto é, de um “viver com” ou “conviver”, em que os amigos, partilhando reciprocamente os sentimentos de estima e admiração, trocam entre si o que lhes parece bom, útil e agradável (bela descrição da amizade adulta, madura, assumida, responsável por si e pelo outro. Num ambiente assim tornam-se possíveis e válidas as transações que ambos, de comum acordo, acharem boas, úteis e agradáveis.). A amizade, na relação de reciprocidade que a define, desdobra o desejo de “viver junto” em um desejo de “viver bem” e de “viver feliz”. E por esse desejo de viver bem numa comunidade harmoniosa de amigos, dar-se-á abertura para a alteridade na proporção em que o Eu se desdobra na pessoa do amigo sob a modalidade de um Outro, como bem descreve Aristóteles:

[...] se o homem virtuoso é para o seu amigo tal como é para si próprio (porquanto o amigo é um outro “eu”) -se tudo isso é verdadeiro, assim como o seu próprio ser é desejável para cada homem, igualmente (ou quase igualmente) o é o de seu amigo. Ora, já vimos que o seu ser é desejável porque ele percebe a sua própria bondade, e uma tal percepção é agradável em si mesma. Ele necessita, por conseguinte, ter consciência também da existência do seu amigo, e isso se verificará se viverem em comum e compartilharem suas discussões e pensamentos; pois isso é o que o convívio parece significar no caso do homem, e não, como para o gado, o pastar juntos no mesmo lugar<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> EN VIII. 9, 1170b 5-14.

Neste contexto, é importante perceber o ideal ético de felicidade desse viver em comum e viver bem entre amigos, no qual se realizam as capacidades e virtualidades do homem, que significa a obtenção de uma amizade perfeita que visa o seu fim, o *telos*, isto é, uma perfeição que se apresenta como a realização de uma *enteléchei*, mas antes como a atualização (a *enéргеia*) de um devir, cuja capacidade nunca termina de se atualizar, pois está sempre em movimento.

## **2. Três modalidades de amizade defendidas por Aristóteles**

Abordar a amizade no pensamento de Aristóteles é saber que implica uma reflexão sobre o sentido moral da mesma, de forma bem clara. Por isso, no pensamento aristotélico a amizade é uma virtude, ou melhor, implica uma virtude, sendo, além disso, necessária à vida dos homens. E, como ela faz parte da natureza humana, está presente em todas as idades da vida. Nessa dinâmica a amizade vai alcançando diversos significados em contextos diferentes, pois para cada momento da vida ela constitui características próprias e ganha contornos diferentes porque cada pessoa reflete perspectivas diferentes quanto ao seu objeto de amor e de desejo.

Para definir a amizade, Aristóteles aborda a natureza do objeto onde se esconde o motivo da sua escolha, pois só um objeto amável pode ser amado, ou ser objeto de amizade. Com isto pergunta-se, o que torna um objeto amável? Para tal indagação remete-se a três dimensões da amizade. A primeira em relação ao objeto amável, à sua bondade e ao seu valor adquiridos pelo exercício da virtude; a segunda em relação ao prazer que ele proporciona e, por último, a utilidade que ela oferece. Nessa perspectiva, compreende-se que amar verdadeiramente é amar a outra pessoa com amor de amizade que, com a sua bondade, torna a outra mais virtuosa.

Então, em virtude do “objeto”, isto é, daquilo em que a amizade se especifica, Aristóteles distingue três tipos diferentes de amizade em que, intrinsecamente, estão contidos os valores que se buscam nelas motivada pela “virtude”, outra pelo “útil” e a outra impulsionada pelo “agradável”.

A amizade motivada pelo útil é a amizade da maioria, onde, em geral, percebe-se que as pessoas se amam umas às outras porque são úteis, tiram dela a utilidade para suas necessidades. A amizade agradável é o prazer recíproco no convívio entre os amigos. Aqui os jovens têm por motivo da amizade a agradabilidade, isto é, o prazer. Tal amizade pode ser considerada acidental.

Todas são dignas, mas a amizade pautada pela virtude é a amizade perfeita, por ser essencialmente fundada na relação entre os bons, que se funde na reciprocidade de afeto mútuo, no bem querer que visa tornar boa a vida e a existência do amigo.

Mediante o exposto, Aristóteles no seu conceito sobre amizade, faz menção à amizade como algo bom, conseqüentemente as pessoas boas são amigas e com isso faz a definição da amizade:

Um amigo como aquele que deseja e faz, o bem no interesse de seu amigo, ou como aquele que deseja que seu amigo exista e viva, por ele mesmo [...] como aquele que vive na companhia de um outro e tem os mesmos gostos que ele, ou que compartilha os pesares e alegrias de seu amigo<sup>10</sup>.

Nessa definição de amizade está imbricado o desejo de um “viver junto” que não é simplesmente um estar junto, mas uma convivialidade de companheirismo, em que os amigos, se preocupam com o bem uns dos outros, partilham reciprocamente os sentimentos de estima, de admiração, de respeito, de sonhos, de desejos e de cumplicidade. Com isto trocam entre si o que lhes parece bom, útil e agradável. Como afirma Aristóteles: “nada é mais característico aos amigos do que o convívio [...] as pessoas não podem conviver se não são agradáveis umas às outras e não se deleitam com as mesmas coisas”<sup>11</sup>. Percebe-se por excelência a teia de relações do convívio dos amigos como lugar primordial para efetivar a amizade na relação de reciprocidade do bem querer, a do amor que define o desejo de viver juntos. Nesse sentido, argumenta Aristóteles: “Os homens desejam bem àqueles a quem amam por eles mesmo [...] os que amam um amigo amam o que é bom para eles mesmos, porque o homem bom, ao tornar-se amigo, passa a ser um bem para seu amigo”<sup>12</sup>.

O fator constituinte da condição de confiança e de bem querer do outro, se encontra na definição aristotélica sobre a amizade como um compromisso com o outro que vai além dos sentimentos e das abstrações. Tal compromisso de confiança é gestado no convívio e na intimidade, dentro de um espaço de tempo como processo de uma verdadeira amizade. Salienta Aristóteles: “os homens não podem conhecer-se mutuamente enquanto não houverem “provados sal juntos”; e tampouco podem aceitar um ao outro como amigos enquanto cada um não parecer estimável ao outro e este não depositar confiança nele”<sup>13</sup>. Não obstante a perspectiva do viver bem e do bem querer do amigo, define o ideal ético, pois nele esconde-se o segredo da felicidade.

Percebe-se no desenrolar da temática aristotélica sobre a amizade que a condição necessária e basilar para se formar uma amizade se dá pelo conhecimento entre pessoas que desejam entre si reciprocamente o bem. Assim como a condição específica para ser objeto de amor é ter um caráter bom, agradável e útil. Acrescenta Aristóteles que deve existir mais de uma forma de amizade, neste sentido apresenta três espécies de objetos de amor: o que é bom, ou o agradável, ou útil.

---

<sup>10</sup> EN IX, 4 1166<sup>a</sup> 3-8.

<sup>11</sup> EN VIII. 5 1157b19-24.

<sup>12</sup> EN VIII. 5, 31-35.

<sup>13</sup> EN VIII.3, 1156b 27-29.

Nessa concepção aristotélica deve existir mais de uma forma de amizade. Neste sentido apresenta três espécies de objetos de amor: o que é bom, ou agradável, ou útil. Com isso volta-se com mais precisão à reflexão sobre os três tipos de amizade (virtuosa, útil e agradável) defendida por Aristóteles que diferem em “espécie” e em “formas” de amor e de amizade, mas em cada uma delas existe “amor mútuo”relacional.

## **2.1 Amizade na característica virtuosa**

Na concepção de Aristóteles, embora a virtude propriamente dita não seja uma “disposição natural”, pois não nos é dada pela própria natureza, mas adquirida pelo exercício dos atos e pela força dos hábitos, ela encarrega-se de aperfeiçoar o homem no mais íntimo de seu ser. Então, a bondade virtuosa na sua essência marca o homem naquilo que ele é. E, quando é bom e virtuoso, o homem é por excelência aquilo que é, e realiza de modo mais perfeito o humano do homem.

Para Aristóteles é através da amizade virtuosa que os amigos são atraídos a se unirem por aquilo que é mais essencial. É por essa característica que o amigo virtuoso é capaz de amar em si melhor de si mesmo, pelo fato da sua capacidade intelectual, pensante, e não desejante, ter a disposição de motivar a amizade utilitária e prazerosa. Desse modo, compreende-se que Aristóteles chega a compreensão que a amizade que congrega os amigos virtuosos é a mais perfeita e por isso, a mais duradoura.

O estagirita, no Livro VIII da *Ética a Nicômaco*, elucida a amizade perfeita é a amizade ideal dos homens que são “bons em si mesmos”, e que essa bondade brota do interior de si. E somente através dela que os verdadeiros amigos se assemelham e são capazes de almejam o bem uns aos outros, como bem defende Aristóteles:

Ora, os que desejam bem aos seus amigos por eles mesmos são os mais verdadeiramente amigos, porque o fazem em razão da sua própria natureza e não acidentalmente. Por isso a sua amizade dura enquanto são bons- e a bondade é uma coisa muito durável. E cada um é bom em si mesmo e para seu amigo, pois os bons são bons em absoluto e úteis um ao outro<sup>14</sup>.

Ao dizer as pessoas virtuosas são “boas em si mesmas”, Aristóteles dá a conhecer o fundamento filosófico da amizade no próprio ser da pessoa amiga, naquela bondade que vem arraigada do mais íntimo do seu ser. Com isto, a virtude é uma modalidade excelente de ser e de agir. Ora, o homem virtuoso está sempre de acordo consigo mesmo e não procura para si senão o bem, ou aquilo que o realiza. É característico desse homem, a realização do bem em favor de si

---

<sup>14</sup> EN VIII. 3, 1156b 8-14.

mesmo. Tudo o que ele sente por si mesmo é levado a sentir também em relação ao amigo. E é na virtude que o homem encontra realização das virtualidades de sua natureza, e que, para Aristóteles, amar alguém virtuoso significa amá-lo no que ele tem de mais próprio, de mais ele mesmo, de mais autêntico e de mais verdadeiro.

Com efeito, é através da amizade virtuosa que se instala a dimensão de reciprocidade que evita com que o homem feliz se torne fechado como uma mônada, mas aberto ao outro, isto é, ao amor que se encerra no amigo.

## **2.2 Amizade caracterizada na utilidade**

A amizade útil se caracteriza através do fenômeno em que o amigo não tem a capacidade de descobrir como amado em si mesmo nem por si mesmo, isto, devido a utilidade. Desse modo podemos dizer do mesmo que busca a amizade por causa do prazer que nela encontra. Nas duas dimensões, podemos vislumbrar que o amigo não é amado por aquilo que ele é em si mesmo, mas pelo utilidade que ela lhe causa. Como bem expressa Aristóteles:

As amizades úteis ou agradáveis duram mais, isto é, subsistem enquanto os amigos proporcionam prazeres ou vantagens um ao outro” A amizade com vista na utilidade parece ser a que mais facilmente se forma entre contrários, como por exemplo, entre pobre e rico, entre ignorante e letrado; porque um homem ambiciona aquilo que lhe falta e dá algo em troca<sup>15</sup>.

Essa dimensão de amizade utilitária remete-se a uma relação de troca entre o menor e o maior como apaziguamento confortável de encontrar no outro o que lhe falta. Sendo assim, os que amam por causa dessa utilidade não amam por si mesmos, mas amam em virtude de algum bem que recebem um do outro. É por isso que nesse tipo de amizade nascem as queixas e as cobranças, pelo fato de as pessoas procurarem nela vantagens pessoais e não o bem do outro.

[...] O amante compraz-se em ver o amado e este em receber atenções do seu amante; e quando começa a passar o viço da mocidade a amizade também se desvanece [...] Muitos amantes porém, são constantes, quando a familiaridade os leva a amar o caráter um do outro pela afinidade que existe entre eles<sup>16</sup>.

## **3.3 Amizade caracterizada como agradável ou prazerosa**

---

<sup>15</sup> EN VIII, 8 1159b 10-15.

<sup>16</sup> EN VIII. 4, 1157<sup>a</sup> 7-11.

A amizade agradável é semelhante á amizade baseada na utilidade. Volta-se para a busca do prazer recíproco na convivialidade com os amigos, é uma amizade de comportamento estável enquanto dura o laço prazeroso e o amor é em função do aprazível. Como evidencia Aristóteles, tecendo uma comparação desse amor prazeroso entre o amante e a pessoa amada e os jovens que constantemente buscam emoções agradáveis.

Aqui se observa a dinamicidade dessa amizade baseada no prazer (agradável) de acordo com o amadurecimento da idade vai se alterando o foco do amor. Com isso a pessoa ou constrói uma amizade e a cultiva ou a amizade acaba. Por isso a amizade utilitária e a prazerosa são consideradas amizades acidentais por se fundamentarem no interesse, da utilidade ou do prazer e não no amor outro por si mesmo: assim ela é facilmente capaz de se fragmentar e quando uma das partes cessa de ser agradável ou útil, pois existia apenas como um meio para se chegar a um fim. Para Aristóteles a verdadeira amizade, isto é, a amizade autentica só é alcançada pelos homens bons e virtuosos e que somente eles podem ser amigos. Portanto, as pessoas boas são de fato agradáveis umas às outras<sup>17</sup>

### **3. Relação entre amizade, política e justiça**

Aristóteles, segundo seu objetivo ético no campo da amizade, procura desenvolver uma concepção de amizade cujo fim último é viver bem em sociedade, o que deve ser assegurado por leis.

Nascemos e vivemos em sociedade, a amizade não é outra coisa senão uma harmonia perfeita que a pessoa alcança no seio da comunidade em relação com o outro, que não deixa de ser também uma política que deve ser ampliada nas demais esferas da vida humana.

Na medida em se aprofunda uma amizade, conseqüentemente nasce nessa relação um sentido de justiça e pertença a uma comunidade, pelo fato dos amigos serem imbricados numa rede de comunidades que se dá nas relações uns com os outros. Assim ressalta Aristóteles:

[...] é na experiência de amizade que aparece o sentido de ser justo de modo que há uma relação estreita entre amizade e justiça, assim elucida Aristóteles: “com efeito em toda a comunidade pensa-se que existe alguma forma de justiça, e igualmente de amizade [...] E até onde vai a sua associação vai a sua amizade, como também a justiça que entre eles existe [...] e as imposições da justiça também parecem aumentar com intensidade da amizade [...] todas as formas de comunidades são como partes da comunidade política [...] é por causa da vantagem que a comunidade política parece ter-se formado e perdurar, pois esse é o objetivo que os legisladores se propõem, e chamam justo o que concorre para a vantagem comum<sup>18</sup>.

---

<sup>17</sup> EN VIII, 4 , 1157ª 1

<sup>18</sup> EN VIII 91159b 26-29.

Nessa experiência de amizade em relação estreita com a justiça compreende-se que ela é necessária nas relações humanas e conseqüentemente, deve estar inserida num contexto social de comunidade política. Opor isso a amizade é negar o seu âmbito social. Por isso Aristóteles diz que a política deve visar a garantia da efetivação da justiça que, por sua vez, não se fundamenta, com exclusividade, mas na justiça e na amizade.

A amizade e a justiça parecem dizer respeito aos mesmos objetos e manifestar-se entre as mesmas pessoas. Com efeito, em toda comunidade pensa-se que existe alguma forma de justiça, e igualmente de amizade; pelo menos, os homens dirigem-se como amigos aos seus companheiros de viagem camaradas, e da mesma forma aos que se lhes associam em qualquer outra espécie de comunidade<sup>19</sup>.

Fica claro o entrelaçar da amizade e da justiça. E é por isso que se entende que a justiça aqui, é colocada em proporção à amizade por se dirigir a uma comunidade política, que visa um ideal comunitário, abrindo mão de interesses particulares para um ideal comum vivido na coletividade através de associações e organizações sociais em vista desse Bem Comum vivido em comunidade, como bem assevera Aristóteles, “os amigos têm tudo em comum é a expressão da verdade, pois a amizade depende da comunhão de bens”<sup>20</sup>.

Somente nessa dimensão a amizade busca a efetivação da justiça e da política na comunidade. E é nessa experiência de amizade que se elucida o sentido de ser justo e conseqüentemente da partilha, de modo, que há uma relação estreita entre amizade e justiça.

Ora todas as formas de comunidade são como partes da comunidade política [...] é por causa da vantagem que a comunidade política parece ter-se formado e perdurar, pois esse é o objetivo que os legisladores se propõem, e chamam justo o que concorre para a vantagem comum<sup>21</sup>.

Portanto, essa relação amizade, política e justiça, na compreensão aristotélica, remete-se à natureza ética da amizade que é inegável pelo fato de que, somente ela, enquanto estrutura das outras virtudes, é capaz de proporcionar ao homem um tripé de relação consigo mesmo, com o outro (amigo) e com a comunidade à qual pertence.

Tal relação só pode ser pensada no âmbito político e no âmbito da realização do homem na polis que envolve um caráter prático, por ser o realismo aristotélico direcionado a vida a prática, e

---

<sup>19</sup> EN VIII, 9 1159b 25-28.

<sup>20</sup> EN VIII 9 1159b 31.

<sup>21</sup> EN VIII,9 1159b 8-14.

no âmbito do mundo grego, a vida prática, está destinada à realização do homem enquanto ser político.

### **Considerações finais**

Considera-se a tentativa de traçar o significado da amizade na ética a Nicômaco a partir de alguns elementos, e um deles é ressaltar como Aristóteles concebe essa dimensão da amizade, numa forma de amor construído na troca e na inter-relação em que se desenvolve a dimensão da doação recíproca, na qual se nutre a relação intersubjetiva da convivência entre os amigos como uma dimensão de amor gratuito e recíproco vividos em comunidade..

Com efeito, referente ao o que foi dito no corpo do trabalho, parece justificar que, para Aristóteles, a Amizade é uma forma de amor particular e especial, cuja essência encontra-se naquela modalidade de “viver junto” e de “viver na intimidade”, isto é, de viver em comunidade na qual os amigos, tomando consciência de seus sentimentos mais profundos e do desejo de mútuo bem-querer, criam um tipo de relação amorosa, na qual ao mesmo tempo dão e recebem, ajudam e são ajudados, amam e são amados, e tudo isso em um espaço afetivo no qual sempre haverá lugar para a admiração e o respeito mútuo.

Ora, se levarmos à risca o significado da amizade em Aristóteles, concluiríamos que somente entre poucos amigos seria possível o exercício da amizade como bem defende Aristóteles. Tarefa difícil para sociedade atual em constantes transmutações de valores.

## **BIBLIOGRAFIA DO AUTOR**

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, In: Os pensadores, IV Aristóteles, São Paulo: Abril Cultural, 1973. Livro VIII e IX.

## **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

AUBENQUE, Pierre. *A Prudência em Aristóteles*. Tradução de Marisa Lopes. São Paulo: discurso editorial, 2003. p 283-292.

BITTAR, Eduardo C.B. *A justiça em Aristóteles*. 3º.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.p.168-173.

RICKEN, Friedo. *O Bem Viver em Comunidade*, a vida boa segundo Platão e Aristóteles. São Paulo: Loyola, 2008 p.101-117.178.

KONTOS, Paulos. *L'action morale chez Aristote*. Une lecture phénoménologique et ses adversaires actuels. Presses universitaire de France, Paris, 2002.p.84-120.